

O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DE NOVAS ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS: A ABORDAGEM DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NA ESCOLA POLIVALENTE, CAMPINA GRANDE-PB

MORAIS, Nathália Rocha- ID/UEPB

MELO, Josandra Araújo Barreto de- UEPB

Subprojeto: Geografia

Resumo: A necessidade de renovação da prática docente faz surgir programas que objetivam contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem bem como para a formação inicial e continuada de profissionais da área docente. Nesse sentido, este trabalho tem como proposta abordar as atividades de colaboração implementadas pela equipe de bolsistas PIBID/CAPES/UEPB na escola de ensino básico Polivalente, Campina Grande-PB, durante as aulas da disciplina de Geografia. Para tanto, as atividades aqui relatadas mostram a notória deficiência na construção de conceitos fundamentais para esta disciplina, logo, propõe-se trabalhar as categorias espaço, paisagem e lugar de maneira a torná-las mais próximas aos educandos, ademais contribuir para a melhoria da desenvoltura do profissional docente em atuação e aprimorar nossa própria prática.

Palavras- chave: Categorias Geográficas, Ensino, Docência, Formação Inicial, Formação Continuada.

1. Introdução

Apesar da aplicabilidade da disciplina de Geografia e de sua importância enquanto conhecimento capaz de formar cidadãos críticos e participativos na sociedade, esta ainda é relegada a certa defasagem teórica e metodológica necessitando que o profissional docente reavalie sua prática buscando prosseguir em seu processo de formação que é contínuo tendo em vista a dinamicidade do mundo atual.

Neste cenário, grande parte dos educandos percebe esta disciplina sob um prisma de abstração que lhes dificulta a compreensão de seus conceitos basilares, como é o caso das categorias geográficas. Desse modo, cabe ao profissional docente superar as práticas mnemônicas de ensino que se mostram como entraves consideráveis no processo de aprendizagem fazendo com que este conhecimento faça parte integrante do arcabouço de conhecimentos adquiridos pelo discente durante sua vida escolar, uma vez que:

Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, com sua interação, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço (CAVALCANTI, 1998, p.24).

Todavia, é bem verdade que até que adquirisse os moldes atuais, a Geografia passou por toda uma evolução em suas análises no contexto acadêmico, fato que, apesar de tudo, não retirou o estigma de uma disciplina desvalorizada pelos alunos por acreditarem ser a mesma irrelevante em seu cotidiano, afora a própria desvalorização do professor, que é uma realidade.

Nesse pensamento, é pertinente o entendimento das categorias geográficas, visto que o espaço se mostra dinâmico e estas viabilizam a compreensão do fenômeno social e sua totalidade, compreendendo suas mutações espaço-temporais (MOREIRA, 2011, p. 108). Logo, devem ser vistas como perspectivas balizadoras da ciência geográfica, as quais devem ser abordadas constantemente pelo profissional docente em atuação e não apenas em momentos específicos, como frequentemente ocorre nas salas de aula, a fim de proporcionar a captura e apreensão das marcas da sociedade sobre a natureza.

Tomando-se por base a experiência de vivência nas turmas de Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente), Campina Grande, PB, proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, percebeu-se a dificuldade de alguns discentes quanto à compreensão de alguns conteúdos da Geografia motivada pela deficiência na construção de conceitos considerados basilares para esta disciplina. Diante do exposto, foi efetuada proposta de intervenção/colaboração propondo-se trabalhar as categorias de espaço, paisagem e lugar, de forma a aproximá-las dos alunos.

Compreender o que representa o espaço enquanto categoria de análise é importante para que se entenda a dimensão dos acontecimentos, suas causas e conseqüências. Esta categoria constitui-se de significado e estrutura própria e representa a sociedade em movimento com todos os seus efeitos. Portanto, no espaço coabitam homem e natureza e esta deve ser vista como uma produção contínua, com organização e reorganização através da interação e interdependência dos elementos que a compõe.

Inseridos na análise espacial também estão os conceitos de paisagem e lugar, como indissociáveis e dependentes das transformações sociais. A paisagem reflete as alterações dos elementos naturais e artificiais do espaço, bem como do nível técnico das

distintas sociedades, logo, é regida por uma lógica heterogênea de acumulação temporal (SANTOS, 1988, p. 66). Segundo os PCN's, sua análise correta viabiliza,

uma Geografia que não seja apenas centrada na descrição empírica das paisagens, tampouco pautada exclusivamente pela explicação política e econômica do mundo; que trabalhe tanto as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na constituição dos lugares e territórios. Enfim, buscar explicar para compreender. (BRASIL, 1998, pg.23)

Assim, a paisagem é a materialidade das ações do ser humano postas no espaço por ele ocupado e que varia de acordo com o momento vivido. Entendê-la possibilita ao aluno compreender muito da dinâmica social que permeia o espaço e a sociedade da qual ele é parte integrante. De cada relação estabelecida no espaço surge um significado singular, uma individualidade própria que faz emergir a noção de lugar como a experiência vivida por cada ser humano, bem como a representatividade afetiva desta.

De acordo com Tuan (1983), a categoria geográfica lugar está intrinsecamente relacionada ao espaço vivido e tudo que ele compreende para a sociedade, é tudo que o homem constrói ao longo do tempo e com o que estabelece relações de afetividade. Ademais, pode-se afirmar que, através da compreensão desse nível de análise, torna-se possível entender a construção e reconstrução da paisagem revelando a complexidade dos fatos geográficos percebendo “que a ciência é uma forma de representação que vê e organiza o mundo através do conceito, restringindo a relação entre a imagem e a fala a esse nível de representação” (MOREIRA, 2007, p. 108).

Buscou-se contribuir para o entendimento das categorias de análise a partir da utilização de metodologias que chamassem a atenção dos alunos, tornando-os capazes de construir seus próprios conceitos.

Nessa linha de pensamento, torna-se necessário adequar a *práxis* docente às necessidades dos alunos, a fim de propiciar um processo ensino-aprendizagem satisfatório, a partir da real contribuição desta ciência e da escola para a sociedade. Resgatar as categorias espaço, paisagem e lugar para a vida social dos alunos, de forma a retirá-las da abstração sob a qual são percebidas por muitos deles faz-se, portanto, primordial para que se superem as dificuldades observadas e para que se recuperem os princípios lógicos de entendimento desta ciência (MOREIRA, 2011, p. 105).

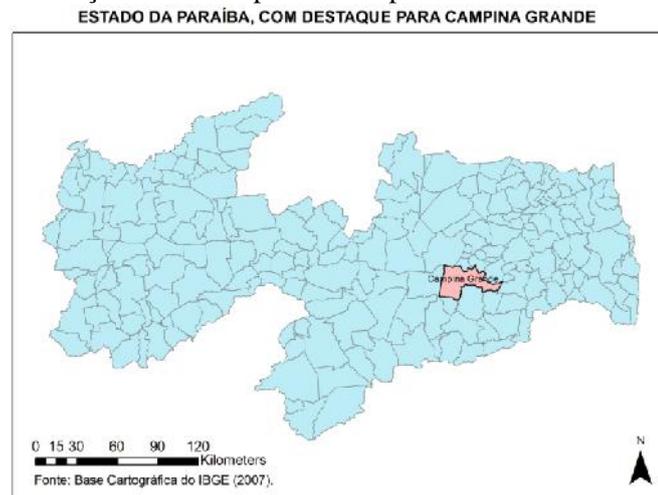
Mediante o exposto, este artigo tem como objetivo analisar o trabalho desenvolvido na mencionada escola, oportunidade em que foram associadas as

categorias de análise espaço, paisagem e lugar à vivência dos alunos, a fim de facilitar o processo de aprendizagem da Geografia, tendo em vista a relevância social da disciplina na formação de cidadãos capazes de compreender e avaliar os fenômenos à sua volta.

2. Metodologia

Trabalhando em parceria com a professora regente foram selecionadas as turmas de 1º e 2º ano para a aplicação da proposta. A Escola Polivalente foi selecionada para participar desta experiência sendo o projeto implantado nas turmas de Ensino Médio, nos turnos da manhã e tarde (Fig. 01).

Fig. 01: Localização do município de Campina Grande no estado da Paraíba.



Fonte: IBGE (2007).

Considerando as dificuldades observadas em alunos quanto à compreensão de alguns conteúdos de Geografia, a partir da deficiência na construção de conceitos, trabalharam-se as categorias espaço, paisagem e lugar de maneira a torná-las mais próximas aos educandos. Assim, buscou-se contribuir para que a troca de conhecimentos se processasse de maneira satisfatória atendendo as perspectivas do ensino geográfico, a formação de pessoas críticas e capazes de analisar o espaço em suas múltiplas dimensões. Para tanto o método Humanista norteou as atividades desenvolvidas tendo em vista valorizar o conhecimento de vida do educando, considerando a ação humana no espaço e no lugar como um comportamento geográfico que inclui crenças, valores, símbolos e atitudes. Nessa linha de pensamento, essa nova forma de análise espacial

[...] está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 2008, p. 30).

Nessa perspectiva, após a aplicação de questionários, percebeu-se que os discentes solicitavam a inserção de novas tecnologias nas aulas de Geografia além dos estudos de campo.

Durante as aulas e dentro de cada conteúdo buscou-se abrir espaço para abordar oportunamente o assunto objeto de análise. Fazendo uso dos recursos solicitados pelos próprios alunos, procurou-se manter os conteúdos o mais próximo possível da realidade dos mesmos, promovendo um diálogo entre professor regente, graduandos e discentes em sala de aula, metodologias que tem surtido efeitos positivos.

3. Resultados e Discussões

Considerando o projeto de intervenção elaborado e acompanhando as abordagens feitas pela professora regente em sala de aula, a partir do livro didático, procurou-se discutir as categorias espaço, paisagem e lugar, de maneira a estimular os alunos ao diálogo utilizando, *a priori*, recursos audiovisuais, a exemplo da música, imagens trazidas pelo próprio livro e o vídeo como facilitadores do processo de aprendizagem.

Na primeira intervenção, o assunto ministrado pela professora titular nas turmas de 1º ano era o espaço geográfico. Como ainda se tratava dos primeiros momentos de contato efetivo com os discentes, pouco a pouco se estabeleceu um diálogo tranqüilo, por meio do qual se procurou fazer uma sondagem do conhecimento dos alunos a respeito da perspectiva de espaço geográfico.

Durante esta aula, as imagens contidas no próprio livro didático foram de grande utilidade, servindo de ponto de partida para a análise e discussão e os alunos, naquele momento, mostraram ter assimilado as proposições acerca de tal categoria geográfica. Na mesma oportunidade, trabalhou-se o espaço local, a fim de identificar as transformações empreendidas pela ação do ser humano em seu local de vivência. Nessa perspectiva, os alunos foram levados para a sala de informática onde tiveram a oportunidade de acessar o aplicativo *Google Maps*, a partir do qual foram orientados pela professora regente e pelos integrantes da equipe PIBID, a traçar o percurso se suas casas até a escola, atentando para as transformações ocorridas neste fazendo, desse

modo, uma análise espacial que envolveu, especialmente, as categorias espaço geográfico e paisagem (Figura 1).

Figura 1: Alunos do 1º ano na sala de informática, Escola Polivalente.



Fonte: Nathália Rocha Morais

Avaliando a interação dos alunos durante a intervenção, pode-se dizer que a utilização de geotecnologias como o *Google Earth* e o *Google Maps* nas aulas de Geografia repercute de forma positiva, visto que este tipo de recurso desperta a atenção dos alunos, elevando a participação durante as aulas. Resultados semelhantes foram encontrados por Silva et al. (2011), em Agudo, RS, conforme citação seguinte:

Com a atividade, os alunos estabeleceram pontos de referência da Cidade, aproximando-se do seu lugar de vivência, o que possibilitou a compreensão da organização socioespacial local. O estímulo demonstrado pelos alunos no desenvolvimento da atividade, bem como sua capacidade em reconhecer o espaço e suas diferentes formas de organização espacial em diferentes culturas, confirmou o uso das geotecnologias como ferramenta valiosa para o ensino da Geografia, uma vez que trabalhar com a realidade do aluno a partir de novos recursos didáticos, desperta o interesse pela construção do conhecimento (SILVA *et. al.*, 2011, p. 01).

Na abordagem acerca do que é paisagem e lugar, utilizou-se o livro didático e, como um recurso adicional, a música/poema “A triste partida”, de Patativa do Assaré. Em sua composição, o poeta aborda características da paisagem nordestina, trazendo a tona o sentimento de pertencimento de um indivíduo obrigado a deixar o seu lugar em busca de melhores condições de vida, mas que, a todo momento, lembra e sente saudade de suas origens.

O autor retrata as condições naturais do espaço nordestino que imprimem no mesmo as paisagens características da região, trabalhando durante toda sua composição

não apenas a categoria paisagem, mas também a questão referente ao lugar e as próprias características físicas do local.

De acordo com Ongaro (2006), “a música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total”, ademais a escolha da letra, em coerência com o assunto a ser explanado pelo profissional docente, é essencial e torna o tempo de aula mais dinâmico e leve, servindo de auxílio para o melhor entendimento do conteúdo. Nessa linha de pensamento, Schroeder (2009) mostra, em uma de suas pesquisas feitas com alunos do Ensino Médio na cidade de Guarapuava/ PR, que a utilização deste recurso tem resultados positivos quando aplicados adequadamente nas turmas. Da mesma forma que em “A triste partida”, a música “ Canção do Exílio” foi trabalhada em uma das turmas analisadas por Schroeder, sob a perspectiva de pertencimento local e, assim, como na turma de 1º ano do Ensino Médio da Escola Polivalente, esta metodologia adicional foi bem acolhida pelo público-alvo.

Na turma do 2º ano, já no primeiro encontro, sentiu-se imediata aceitação com relação a inserção da intervenção/colaboração dos bolsistas do PIBID e das contribuições que o grupo propôs para as aulas de Geografia. O conteúdo trabalhado pela professora titular referia-se a organização do espaço brasileiro, incluindo-se o conceito de espaço geográfico na perspectiva de organização e transformação contínua.

Considerando se tratar de turmas de Ensino Médio, a busca por metodologias alternativas ao uso do livro didático deve ser uma constante no dia-a-dia do profissional docente. O recurso vídeo significa para os alunos um momento de lazer, não de aula propriamente dita. No entanto, este mesmo recurso abre um leque de possibilidades de análise, cabendo ao professor identificá-las e atrair os discentes para a temática a ser trabalhada em sala de aula, desenvolvendo neles a capacidade de olhar múltiplo a respeito dos variados recortes da realidade (FERREIRA, 2010, p.23).

A fim de contemplar o conteúdo constituição e organização espacial do Brasil, e enriquecer o trabalho da professora regente, levou-se para sala de aula um vídeo de curta duração, uma pequena aula que, de forma objetiva e clara, exerceu papel de suporte para todo o conteúdo trazido pelo tradicional livro didático, principal material utilizado pelos alunos. A partir da compreensão do processo de ocupação do espaço brasileiro, buscou-se trabalhar a categoria geográfica espaço, fazendo com que os discentes direcionassem seu olhar para as diversas e significativas mutações sofridas

pelo espaço em decorrência da ação humana; conseqüentemente, a categoria paisagem foi analisada, uma vez que esta é o reflexo da ação do ser humano sobre o espaço.

Durante o desenvolvimento da aula, a participação da turma foi notória e poucos alunos não deram sua contribuição para a discussão, mostrando que um dos objetivos do planejamento havia sido atingido e a proposta estava inserida “naquilo que se pretendia trabalhar, em um processo de buscas de interpretações, com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo” (CAMPOS, 2006, p.3).

Nesse sentido, na turma do segundo ano da escola Polivalente, durante a abordagem sobre a constituição do território brasileiro, através do vídeo/filme previamente escolhido, foi possível discutir estes conceitos basilares da ciência geográfica. A mesma experiência foi proposta por Ferreira (2010), no município de Campo Mourão- PR, onde com alunos do segundo ano do ensino médio foi discutido o filme “Migrantes” retratando características locais da região nordeste podendo-se associar as discussões às categorias geográficas, além da abordagem social e econômica que contempla. A iniciativa de trazer para a sala de aula filmes/ documentários que dinamizem o processo ensino-aprendizagem possibilita, de acordo com Ferreira (2010), o questionamento de várias temáticas como evidenciado nas discussões com a turma do 2º ano médio da Escola Polivalente.

Ainda na perspectiva da utilização de filmes no processo de ensino, pode-se citar o trabalho de Guimarães (1993), que a partir do curta-metragem “Ilha das Flores” abordou junto aos educandos de suas turmas a temática “Organização do espaço no sistema capitalista”, ou seja, as análises e discussões propostas direcionaram-se ao entendimento das alterações espaciais promovidas por esse sistema econômico, logo, para a produção do espaço geográfico. Assim, esta atividade “está intimamente relacionada a uma concepção de Geografia voltada para a observação, análise e interpretação do espaço produzido pela sociedade e a apropriação que esta sociedade faz da natureza (GUIMARÃES, 1993, p. 85)”, nesse sentido, a percepção das categorias de análise desta ciência se mostram relevantes para o entendimento da totalidade sócio-espacial como verificado por Guimarães quando afirma, em suas considerações acerca do desenvolvimento de sua proposta de trabalho, que a partir do uso desta metodologia foi possível trabalhar temas e conceitos fundamentais para a compreensão da ciência geográfica.

A fim de complementar o trabalho proposto em sala de aula foram feitas aulas de campo, diante das quais os alunos tiveram a possibilidade de estabelecer uma conexão entre os conteúdos estudados e seu ambiente de vivência, seu lugar. Com o desenvolvimento das atividades propostas pelo PIBID na Escola Polivalente, percebeu-se que os estudantes compreendem a importância do aprimoramento da *práxis* docente em sala de aula e que a utilização de novas alternativas metodológicas é fator relevante para melhorar a qualidade do ensino. Logo, o campo é um recurso metodológico primordial para que o aluno possa estabelecer conexão entre o conteúdo estudado e a prática cotidiana, além de aguçar a vontade de participação e envolvimento dos discentes com a aula, conforme Farina e Guadagnin (2007),

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos.

A temática relacionada aos domínios mofoclimáticos brasileiros foi trabalhada em sala de aula na turma de 2º ano, a utilização da aula de campo surgiu mediante a necessidade de exercer maior interação e aplicabilidade entre o conteúdo estudado e a vivência do estudante, almejando que o discente construa seu olhar geográfico sobre o meio, ademais trabalhando no profissional docente a habilidade de relacionar as escalas local-global. Dessa forma aproveitou-se o evento da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, em que se realizou uma visita ao Instituto Nacional do Semiárido (INSA), onde os alunos puderam ver mais a respeito das características do semiárido e das diversas formas elaboradas pelo ser humano para conviver com essas peculiaridades (<http://geografianopibid.wordpress.com/2012/12/11/visita-ao-insa/>). Constatou-se que,

(...) o trabalho de campo surge como importante ferramenta de desconstrução do olhar puro e simples, aquele que olhamos sem perceber as relações e transformações ocorridas. Entendo efetivamente como o espaço se apresenta, pois não bastaria somente o contato teórico em sala mais como complementação o campo, a visualização do real (CIRINO *et. al.*, 2009, p.14).

Na abordagem referente ao conteúdo sobre a Região Nordeste, realizou-se uma visita à Agência Executiva de Gestão das Águas (AESAs), onde os alunos puderam conhecer o espaço desenvolvendo um olhar crítico acerca das características climáticas e hidrológicas do estado da Paraíba através das explicações obtidas no local (<http://geografianopibid.wordpress.com/2013/08/03/aula-de-campo-aesa>).

Ainda considerando a importância de aproximar teoria e realidade, realizou-se uma visita ao Museu Vivo da Ciência e da Tecnologia - Campina Grande/PB, que possui grande acervo de exposições relacionado a diversos assuntos das ciências e tecnologias (inclusive a Geografia), com apresentação de experimentos lúdicos e educativos (como o simulador de terremoto), sala de meio ambiente e reciclagem, fontes de energia entre outras temáticas com questões relacionadas a elementos do dia a dia das pessoas. A visita ao museu foi bastante construtiva, uma vez que os alunos participaram de diversas atividades que deram aplicabilidade a diversos conteúdos aprendidos em sala de aula, promovendo o desenvolvimento do saber geográfico dos discentes, de modo bastante interativo e divertido.

Nessa perspectiva, a introdução de aulas de campo promove considerável melhora nas aulas de Geografia, tornando-as mais criativas e interessantes, com alunos bem mais participativos e capacitados para interpretar os fenômenos geográficos, melhorando a qualidade no processo ensino-aprendizagem bem como na maior fixação dos com dos conceitos referentes às categorias geográficas de suma importância para o saber geográfico.

Logo, a adoção de novos materiais na busca por um ensino de maior significância para os alunos propõe minimizar a simplificação do conhecimento geográfico e o tradicionalismo imposto pelo uso exclusivo do livro didático, obviamente há de se considerar sua importância já que este é a ferramenta presente em todas as escolas e, por vezes, a única. Porém, cabe ao profissional docente procurar dinamizar a abordagem dos conteúdos a fim de contribuir para um melhor processo ensino- aprendizagem, como vem sendo feito nas turmas do ensino médio da Escola Polivalente, Campina Grande, mediante a atuação da equipe PIBID.

4. Considerações Finais

A dinâmica educacional, especificamente nas escolas da rede pública, merece maior atenção uma vez que não é difícil perceber que este processo encontra-se envolto por entraves que se evidenciam constantemente.

A proposta do Programa de Iniciação à Docência surge nesse cenário no sentido de proporcionar novas experiências para professores atuantes e em formação, além de permitir que os alunos tenham a oportunidade de ter contato com metodologias diferentes que tem como propósito incentivá-los a aquisição de novos conhecimentos.

Durante este período de atuação na escola foi possível perceber que os alunos receberam positivamente as intervenções dos bolsistas do PIBID durante as aulas de Geografia, alguns deles afirmando que as aulas se tornaram mais atraentes, despertando o interesse pela participação durante as discussões pelo fato da utilização de metodologias variadas e pela relação de proximidade estabelecida entre a equipe e os discentes.

Logo, a proposta do Programa de Iniciação à Docência tem sido desenvolvida de modo a propiciar melhorias no processo ensino- aprendizagem no âmbito do ensino público da Escola Polivalente, até então os objetivos vem sendo alcançados almejando-se contribuir ainda mais para que se formem cidadãos conscientes e aptos ao entendimento do contexto no qual vivem, já que a ciência geográfica exerce papel direto nesse processo.

6. Agradecimentos

As autoras agradecem o apoio concedido, mediante bolsas, efetuado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

7. Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade:** uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BARBOSA, Jorge Luís. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In.: CARLOS, Ana Fani A. et. al. (org.). **A Geografia na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTI, L. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 17 ed. Campinas-SP: Papirus, 1998.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e Sala de aula. In.: **Estudos Geográficos.** Rio Claro, 4 (1): 1-22, junho, 2006.

CIRINO, Bruna; et al. A Importância dos Trabalhos de Campo nas Aulas Sobre Meio Ambiente para Turmas de Ensino Fundamental. In.: *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia*, Porto Alegre: 2009.

Disponível Em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20\(4\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20(4).pdf)

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia Cultural.** 5º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

FERREIRA, Eurico Costa. O uso de audiovisuais como recursos didáticos. In.: Dissertação (stricto sensu) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e Geografia, 2010.

FERREIRA, Erica Keila (et. al.). O cinema como recurso didático e pedagógico na educação de jovens. In.: **Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. NUPEM, FECILCAM, PR, 2010.

FRIGOTTO, Tatiane Saffnauer (et. al.). A linguagem fílmica nas aulas de Geografia. In.: **X EDUCERE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

GUIMAÃES, Iara Vieira (et. al.). Ilha das Flores: luz, crítica e ação nas aulas de Geografia e História. In.: **Ensino em Re-Vista**, 2 (1): 83-87, jan./dez., 1993.

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In.: **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ONGARO, Carina de Faveri (et. al.). **A importância da música na aprendizagem**. UNIMEO/CTESOP, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5º Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. 5. Reimpr. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHROEDER, Hélio. A música como linguagem no espaço geográfico urbano. Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE. Guarapuava-PR, 2009.

SILVA, G. K. P. da (et. al.). (Re) Conhecendo o “lugar” de vivência por meio do uso de Geotecnologias e trilhas interpretativas: uma experiência no município de Agudo- RS. In.: **Geosaberes**, Fortaleza, v.2, n. 3, p. 3-17, jan./jul. 2011.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL. 1983.